

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA POESIA DE CORA CORALINA

THE FEMALE REPRESENTATION AS A PROCESS OF CONSTRUCTION OF IDENTITY IN CORA CORALINA'S POETRY

*Sueli Gomes de LIMA**

Resumo: Pretendemos, com este artigo, analisar as inscrições discursivas coralinianas, as quais revelam as construções identitárias resultantes de uma subjetivação sociocultural, em que o sujeito-autor, por meio da linguagem poética, denuncia as funções sociais programadas para as mulheres, conforme a ideologia imposta pela sociedade capitalista e patriarcal.

Palavras-chave: Sujeito; Construção identitária; Discurso.

Abstract: This article aims at presenting Cora Coralina's discursive inscriptions, which reveal the construction of identity resulting from a sociocultural subjectivation, in which the subject, through his poetic language, denounces the social functions programmed for the women, according to the ideology imposed by the capitalist and patriarchal society.

Keywords: Subject; Construction of identity; Discourse.

1 Heterogeneidades discursivas e a dispersão dos sujeitos

Para Fernandes (2005, p. 33-34), “o sujeito da Análise do Discurso é um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro”. Não se trata de uma individualidade, de um ser centrado em um “eu”, mas um sujeito que se circunscreve histórico-social e ideologicamente no campo dos discursos, em uma dada realidade

* Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, *Campus* Uberlândia. Contato: sueli.lima@iftm.edu.br.

social; trata-se de uma condição do sujeito que marca os processos de identificação, de subjetivação, de construção da realidade.

Considerando que o sujeito está imerso numa conjuntura sócio-histórico-ideológica, o vínculo entre o discurso e as práticas discursivas do sujeito, ao se relacionar com o outro e consigo mesmo, pode ser apreendido na materialidade linguística, por meio da análise de seus discursos. Esse sujeito, ao enunciar os discursos que lhe são “autorizados”, revela outras vozes que constituem os seus dizeres.

Para compreender o sujeito discursivo, marcado por uma heterogeneidade: um conjunto complexo de discursos compõe o dizer do sujeito e esses discursos são representações imaginárias de diferentes vozes sociais – baseamo-nos em Jacqueline Authier-Revuz, a qual postula um trabalho respaldado no exterior linguístico e elabora o conceito de *heterogeneidade discursiva*.

Segundo Maldidier (2003, p. 84), “o encontro de Michel Pêcheux e Jacqueline Authier-Revuz é um verdadeiro encontro intelectual, no qual cada um contribui para o outro”. Do lado desta, temos o tema da heterogeneidade enunciativa, e do lado daquele temos o interdiscurso. Assim, com o tema da heterogeneidade, foi possível reformular o estudo das modalidades do “discurso outro” (MALDIDIER, 2003, p. 84).

A heterogeneidade do discurso se configura a partir de um funcionamento marcado pela “relação de seu “interior” com seu “exterior”” (MAINGUENEAU, 1997, p. 75). As formas que um discurso mobiliza para estabelecer relações com o seu “exterior” constituem as heterogeneidades enunciativas.

Os estudos da linguista Jacqueline Authier-Revuz – voltados para o conceito de “outro” como constitutivo do sujeito e da linguagem – conduzem à fundamentação da teoria da heterogeneidade enunciativa. Ao trabalhar as formas da enunciação, a autora esboça o conceito de *heterogeneidade* a partir da relação do sujeito com a linguagem. Podemos atestar esse pensamento com as palavras da própria Authier-Revuz (1998, p. 165-166, grifos da autora):

Colocando como um “privilégio” da língua natural, entre todos os sistemas de signos, articular aquilo que ele denomina uma “dupla significância”, Benveniste distingue da seguinte maneira esses dois níveis: o primeiro, o modo semiótico, inscrito no espaço finito do sistema da língua e que é da ordem do estável, do fixo; o segundo, o

modo semântico, “engendrado pelo discurso”, que “nos introduz no domínio da língua em uso e em ação”, levando a língua para o exterior em “sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo”: lá onde, no processo de constituição da significação, os elementos constitutivos do primeiro modo (“os signos”) devem ser **identificados**, reconhecidos, os elementos do segundo (“as palavras”) devem ser compreendidos, **interpretados**.

De maneira geral, podemos dizer que passar da consideração da língua, concebida como “ordem própria”, sistema finito de unidades e de regras de combinação do qual a linguística tem por objetivo uma constante atualização através de procedimentos regrados – tal como se mostra, por exemplo, no quadro dos “níveis da análise linguística” estruturado por Benveniste, ou no núcleo comum que J. C. Milner extrai da diversidade de “modelos” que a linguística toma emprestado –, à consideração da fala, do discurso, é abandonar um domínio homogêneo, fechado, onde a descrição é da ordem do **repetível**, do “UM”, por um campo duplamente marcado pelo NÃO-UM, pela **heterogeneidade teórica** que o atravessa, a língua articulando-se ao sujeito e “ao mundo”, e pelo caráter **não-repetível** da compreensão que dele se pode ter, inevitavelmente afetada pela subjetividade e pela incompletude.

Ao tratar da heterogeneidade teórica que atravessa a língua, Authier-Revuz trabalha com a ideia de não-homogeneidade, de não-um do sujeito e da linguagem; com isso, temos reiterada a ideia de heterogeneidade, de presença constitutiva da alteridade na “concepção de linguagem, de sujeito e de sentido de Authier-Revuz” (BRAIT, 2001, p. 8).

Nessa perspectiva, Authier-Revuz, trabalhando na materialidade linguística, no fio do discurso, detecta a presença do outro nas relações entre sujeito, linguagem e discurso, no ato da enunciação. Pelo estudo dos processos enunciativos, a autora reconhece a presença do outro no discurso do sujeito, ou seja, o plano da enunciação é marcado por uma heterogeneidade que diz respeito ao sujeito e a sua relação com a linguagem.

Trabalhando no campo da enunciação, Authier-Revuz desenvolve a questão das heterogeneidades apoiada “em teorizações exteriores à linguística, particularmente sobre o sujeito” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 174). Essas teorias não propriamente linguísticas, necessárias para se trabalhar a enunciação, são o dialogismo de

Bakhtin e a psicanálise de Lacan. A partir delas, a autora tenciona mostrar a presença do outro no discurso, haja vista que no fio do discurso há formas linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso que inscrevem o outro em sua linearidade (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

No círculo de Bakhtin, o paradigma teórico se compõe de dualismos e este se desenvolveu através dos conceitos de heteroglossia, de polifonia, de bivocalidade, de dialogismo, de interação verbal. Esse paradigma teórico é constituído por conceitos marcados por pontos de vista duplos e opostos, ou seja, dualismos de oposições. Conforme Authier-Revuz (2004, p.25), “o que se diz de maneira insistente através dessa rede de oposições é o lugar dado ao outro na perspectiva dialógica, mas um outro que não é nem o duplo de um frente a frente, nem mesmo o “diferente”, mas *um outro que atravessa constitutivamente o um*”. Nesse sentido, pelo viés do “duplo”, pela presença do “outro” que constitui o “um”, Bakhtin elabora uma teoria de formas e gêneros literários, (seu trabalho não é especificamente no campo linguístico, mas no campo semiótico e literário) bem como, uma teoria da produção do sentido e do discurso.

A teoria, elaborada por Bakhtin, apresenta a concepção de outro a partir da reflexão sobre o “dialogismo” e esse “outro” marca a alteridade constitutiva do signo, do discurso e, conseqüentemente, do sujeito discursivo. Para Bakhtin, o conceito de “outro” se ampara na linguagem e na ideologia e, a partir dele, é possível falar de alteridade constitutiva do discurso e do sujeito, de heterogeneidade discursiva. Daí a importância desse pensamento para os estudos da linguista Jacqueline Authier-Revuz.

Também para dar conta da presença do “outro” na constituição do discurso e do sujeito, Authier-Revuz recorre à teoria psicanalítica de Lacan. Por essa perspectiva – a da Psicanálise lacaniana – essa linguista utiliza uma versão diferente do conceito de “outro”.

Jacques Lacan – sob a influência da linguística saussuriana e por meio da releitura de Freud – construiu um conceito de “outro” de forma diferente daquele teorizado por Bakhtin. Lacan, a partir de uma teoria da alteridade, distingue dois “outros”: um “Outro” (escrito com maiúscula) que se refere à relação do sujeito com o desejo e se manifesta pelo inconsciente, o qual é estruturado como linguagem; um

“outro” (escrito com minúscula) que se refere ao imaginário enquanto exterior social que constitui o sujeito.

Para Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que significa dizer que o inconsciente se manifesta na linearidade do discurso por uma cadeia significante e o sujeito (do inconsciente) é representado por essa cadeia simbólica que Lacan designa como o Outro. Desse modo, o inconsciente se manifesta na materialidade da língua, como sendo o discurso do Outro. Esse discurso do outro é caracterizado por meio de desvios, falhas no discurso, no momento da fala, da enunciação. Esses desvios são os lapsos, os chistes, os sonhos, os atos falhos; são fenômenos que emergem na linguagem sob a forma de falhas. Por meio desses atos falhos, o inconsciente – escapando ao controle do sujeito – se mostra constituído pelo discurso do Outro. Conforme Brait (2001, p. 17), para Lacan “o inconsciente é o discurso do ‘outro’, sendo o ‘outro’ o lugar em que se constitui o sujeito, o qual é representado pelo significante numa cadeia que o determina”.

Por essas duas perspectivas teóricas – o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise de Lacan – Authier-Revuz encontra o ponto nodal que norteará seus estudos sobre a heterogeneidade enunciativa: “a estrutura material da língua permite a escuta de ressonâncias não intencionais que rompem a suposta homogeneidade do discurso” (TEIXEIRA, 2005, p. 150). Com palavras da autora, temos:

É nesta perspectiva, linguística, que eu procuro o apoio e a ancoragem de duas abordagens não-linguísticas da heterogeneidade constitutiva da fala e do discurso: o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise (através da leitura de Freud, marcada por Lacan). Os trabalhos de Bakhtin estão fundamentalmente inscritos no campo semiótico e literário; a psicanálise tem por objeto o inconsciente. A linguagem, a língua, o discurso, o sujeito falante não são – ou para Bakhtin só são parcialmente – seu objeto, mas um material essencial à apreensão de seu próprio objeto. Sem perder ali ou ali se diluir, permanecendo em seu terreno, parece-me que a linguística deve levar em conta, efetivamente, esses pontos de vista exteriores e os deslocamentos que eles operam em seu próprio campo (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 22).

Portanto, no terreno da alteridade, com o “outro” bakhtiniano marcado pela ideologia e o “Outro” lacaniano marcado pelo

inconsciente, a autora “propõe alguns elementos para articular essas duas *realidades* que a heterogeneidade constitutiva *do* discurso e as formas da heterogeneidade mostrada *no* discurso constituem” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 23).

Authier-Revuz “organiza, num primeiro grande recorte, duas maneiras pelas quais se apresenta a alteridade no discurso, definindo a *heterogeneidade mostrada* e a *heterogeneidade constitutiva*” (TEIXEIRA, 2005, p. 145, grifos do autor). Na heterogeneidade mostrada, a projeção do “outro” se revela na linearidade do discurso, por meio de sinais linguisticamente descritíveis: discurso direto, discurso indireto, aspas, glosas, parênteses, ironia e outros. Na heterogeneidade *não mostrada*, a presença do outro não se mostra na superfície, mas está sempre presente no fio do discurso e independe de uma abordagem linguística. A heterogeneidade constitutiva mostra o funcionamento real do discurso, isto é, sua natureza dialógica regida por diferentes discursos, pelo interdiscurso.

Para a compreensão da dispersão dos sujeitos no campo discursivo, priorizaremos a heterogeneidade mostrada não marcada, uma vez que essa categoria de análise nos permite evidenciar “no próprio fio *do* discurso, o discurso *outro* no mesmo” (TEIXEIRA, 2005, p. 145). Por isso, discorreremos, ainda que de forma sucinta, sobre a teoria da *heterogeneidade enunciativa* postulada por Authier-Revuz. Nessa teoria, os dois pontos de vista – dialogismo e psicanálise – (articulados pela autora na elaboração teórica) “permitem articular uma teoria da heterogeneidade linguística a uma teoria do descentramento do sujeito” (TEIXEIRA, 2005, p. 146). Interessa a Authier-Revuz o dialogismo de Bakhtin, tomado como um princípio constitutivo do sujeito e da linguagem, e a psicanálise de Lacan, com uma concepção de “*fala heterogênea* e de *sujeito dividido*” (TEIXEIRA, 2005, p. 149). Conforme as palavras de Authier-Revuz (2004, p. 68-69, grifos do autor), temos:

O *dialogismo do círculo de Bakhtin* faz da interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso. Duas modalidades de interação às quais remetemos, aliás, em termos de interdiscursividade e de interlocução, inscrevem constitutivamente a presença das “palavras dos outros” no discurso:

- a língua só se realiza atravessada pelas variedades de discurso que se relativizam umas às outras em um jogo inevitável de *fronteiras e de interferências*;
- nenhuma palavra vem neutra “do dicionário”; elas são todas “habitadas” pelos discursos em que viveram “sua vida de palavras”, e o discurso se constitui, pois, por um *encaminhamento dialógico*, feito de acordos, recusas, conflitos, compromissos... pelo “*meio*” dos outros discursos.

E ainda:

O outro ponto de vista é o da psicanálise (tal como ela se manifesta particularmente na interpretação lacaniana de Freud) que mostra, através de sua própria prática e de sua própria problemática, ambas não-linguísticas, como lei de qualquer palavra – e não somente de uma “palavra analítica – que, sob novas palavras, “outras palavras” sempre são ditas; que, através da linearidade “da emissão por uma única voz”, se faz ouvir uma “polifonia”; que “todo discurso parece se alinhar sobre várias pautas de uma partitura” e que o discurso é constitutivamente atravessado pelo “discurso do Outro”.

A essa teoria da *heterogeneidade da palavra* se articula uma teoria do *descentramento do sujeito*; ela afirma que:

- para um sujeito dividido, “clivado” (e não “desdobrado”), não há centro, de onde emanariam, particularmente, o sentido e a fala, fora da ilusão do fantasma; mas manter essa ilusão de um centro é a função necessária e normal do eu para o sujeito;
- para um sujeito que, fundamentalmente, é um “efeito de linguagem”, não existe, fora da ilusão – aqui também necessária e normal – *posição de exterioridade* em relação à linguagem, de onde o sujeito falante poderia tomar distância (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68-69, grifos do autor).

Seguindo essas orientações teóricas e reelaborando-as, Authier-Revuz discute as formas de *heterogeneidade mostrada e heterogeneidade não mostrada*, ambas constitutivas do discurso, e articula essa teoria à teoria do descentramento do sujeito. O sujeito é sujeito do inconsciente; é um sujeito clivado, dividido, detentor de uma palavra heterogênea; é efeito de linguagem e, portanto, não é causa de si mesmo, não é dono de seu dizer.

Por outro lado, o sujeito é marcado por espaços que ele ocupa numa determinada sociedade, isto é, lugares sociais, políticos,

históricos, ideológicos e culturais. Esses lugares são “construídos” discursivamente, são a exterioridade internalizada pelos sujeitos por meio da interação verbal constitutivamente dialógica e por meio da interpelação ideológica desses mesmos sujeitos.

Com esse quadro descrito acima, temos desfeita a imagem de um sujeito pleno, autônomo, dono de uma voz homogênea. Ao contrário, temos uma representação imaginária do sujeito, a qual é determinada pela sua própria linguagem. O sujeito é efeito dessa linguagem na qual ele foi constituído pela ordem simbólica, pela cultura, pela ideologia.

Contudo, o sujeito “desconhece” seu descentramento, sua clivagem e tem a ilusão necessária do “eu” imaginário. Para Authier-Revuz (2004, p. 66), “*não há centro*, para o sujeito, *fora da ilusão* e do fantasma. [...] Mas essa ilusão é *necessária* e normal para o sujeito: é o que Freud designava como a *função de desconhecimento* do eu”.

Recorrendo a essa visão de Authier-Revuz, nosso interesse é, na recusa de um sujeito psicológico, uno e autônomo, analisar a heterogeneidade mostrada não marcada dos discursos e dos sujeitos. Na dispersão dos sujeitos¹, na instância de enunciação, vamos apreendê-los nas suas organizações subjetivas. Concordamos com Maingueneau (1997, p. 33), quando afirma que a “instância de subjetividade enunciativa por um lado constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro ela o assujeita”. Então, nas práticas de subjetivação temos um sujeito relativizado, ora reproduzidor, mas também produtor de subjetividades. Essas subjetividades não são o produto da enunciação individual (sujeito como centro da enunciação), mas são o resultado de processos sociais, históricos e culturais que se dão em diferentes épocas e contextos, numa tensão entre o *sujeito produtor-reprodutor* de subjetividades. “O espaço da subjetividade na linguagem é tenso” (ORLANDI, 1996, p. 189). É dessa tensão que decorre a relatividade do sujeito como ser social, e também individual.

¹ Para Foucault (2004a), a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo pode ser determinada pelo discurso, pela prática discursiva; as modalidades de enunciação, ao contrário de remeterem à função unificante de *um* sujeito, manifestam a sua dispersão. Portanto, a dispersão do sujeito é identificável não na superfície linguística, mas na superfície discursiva.

No movimento de interpretação, de construção de sentidos, temos a identidade do sujeito, a qual é determinada pelo modo como a língua e a história constituem esse sujeito. Há, portanto, uma dupla ilusão para o sujeito: de ser *a origem* e o *dono* de seu dizer. Essa ilusão necessária é produzida pelas formações imaginárias na relação discursiva do sujeito. “O mecanismo imaginário produz imagens do sujeito dentro de uma conjuntura sócio-histórica” (ORLANDI, 2002, p. 40-41) e, assim, as identidades resultam de processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia. Portanto, “a identidade, como o sujeito, não é fixa, está sempre em produção, encontra-se em um processo ininterrupto de construção e é caracterizada por mutações” (FERNANDES, 2005, p. 43).

Na perspectiva de Michel Foucault, pelo exercício de poder e submissos a ele, os indivíduos se conformam às identidades culturais e, assim, expressam um modo de subjetividade. Os modos de subjetivação se desenvolvem por meio de relações de poder nas experiências e práticas cotidianas dos indivíduos. O sujeito é subjetivado pelas identidades culturais de uma dada época. Esse sujeito subjetivado se estabelece através de práticas discursivas. Ou seja, ele é o resultado de suas experiências sociais, históricas e culturais.

Ser sujeito, na analítica de Foucault, implica a ocupação de um lugar na estrutura social, isto é, é existir em um dado lugar social e, enquanto sujeito de experiências, exercer o poder no cotidiano e, por meio de suas práticas, romper ou não com condutas socialmente estabelecidas.

Centrado nas relações sociais, pelo exercício do poder, em lugares socialmente marcados, o indivíduo tem a possibilidade de tornar-se sujeito: é uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Foucault, ao tratar do sujeito subjetivado, vai falar em novas formas de subjetividade em contraposição a um sujeito unificado e soberano, portador de uma identidade fixa em sua continuidade.

Nas práticas de subjetivação e constituição identitária, o sujeito subjetivado, de natureza sócio-coletiva, vai ser objetivado através do

“eu”, ligando-se, desse modo, a uma identidade que lhe é dada como própria.

Entretanto, nesse processo, o indivíduo precisa estar instituído socialmente, pois, as formas de objetivação do sujeito se articulam com as relações de poder e estas se dão via instituição. Portanto, como não há poder sem instância social, haja vista que é a instância social que legitima o poder e autoriza o sujeito a exercê-lo, também não há sujeito identitário fora da instância social, pois a objetivação do sujeito se dá por meio de elementos de identificação com um dado lugar social.

Ao abordar a subjetividade, Foucault leva em conta as práticas sociais e políticas que condicionam as formas de relações entre os indivíduos. A subjetividade está vinculada aos acontecimentos e práticas culturais por meio dos quais o indivíduo se constitui um sujeito identitário.

A emergência do sujeito heterogêneo e disperso se dá no campo do discurso: “um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade; [...] um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2004a, p. 61). Nessa rede de lugares distintos – que constitui a “topografia social” (MAINGUENEAU, 1997, p. 32) – os sujeitos aí se inscrevem, e ocupam diferentes posições conforme a Formação Discursiva (ou Formações Discursivas) que o dominam, nas quais ele se inscreve. A relação estabelecida entre o sujeito e a Formação Discursiva “determina qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2004a, p. 108). É esse sujeito heterogêneo, disperso em diferentes posições, que se constitui entre o “eu” e o “outro”, entre o “individual” e o “social” que vamos tomar como referência para analisar as práticas discursivas e evidenciar os processos de subjetivação e construções identitárias nos poemas de Cora Coralina.

2 Inscrições femininas no discurso poético coraliniano

Numa perspectiva discursiva, vamos apontar os papéis femininos poetizados em Cora Coralina para desvelar as instâncias em que temos as representações do feminino como processos de construções identitárias do sujeito discursivo coraliniano.

Nessa produção literária, verifica-se a recorrência a identidades femininas na representação de um discurso que rompe com outros discursos considerados conservadores e detentores de poder para a manutenção da exclusão social. O caráter de ruptura fica evidente quando o sujeito-autor se inscreve numa instância ideológica que revela sua cumplicidade com as “vidas femininas esquecidas, pobres, marginalizadas” (DENÓFRIO, 2006, p. 54).

Como a identidade e a identificação estão sujeitas à mistura, à transformação, suas reconfigurações são produzidas por formas e padrões culturais distintos e variantes, e inscritas diferentemente pelas relações de poder. Segundo Hall (2006), “estamos sempre em processo de formação cultural e cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. A cultura, embora dependa da tradição, é sempre uma produção, uma mutação que produz a nós mesmos como novos sujeitos, novas identidades culturais. É por esse viés que vamos apreender as identidades femininas que, silenciadas nas sociedades patriarcais, terão seus anseios verbalizados na enunciação de discursos representativos de vozes oprimidas e excluídas. Vamos analisar os dizeres que remontam ao feminismo, enquanto processos de construções identitárias, e observar, pelo fio do discurso, uma postura identitária que resiste à discriminação e também combate a exclusão social. São, portanto, construções identitárias que se configuram como forma de resistência.

Pretendemos, com as análises, mostrar as inscrições discursivas coralínianas, as quais revelam as construções identitárias resultantes de uma subjetivação sociocultural, em que o sujeito-autor, por meio da linguagem poética, denuncia as funções sociais programadas para as mulheres, conforme a ideologia imposta pela sociedade capitalista e patriarcal.

Para apresentar nossas análises, vamos selecionar fragmentos de poemas publicados em “Meu livro de cordel”, o qual compõe o conjunto da obra poética de Cora Coralina.

Fragmento 1

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado

e no sonho me perdi (CORALINA, 2001b, p. 11)

O tema artístico-poético, presente no fragmento acima, faz referência a um discurso de militância poética, o qual, conforme a memória histórico-social do século XIX, era interdito às mulheres e era também objeto de uma preocupação da moral familiar, pois, havia uma formação discursiva e ideológica que sustentava a opinião de que as mulheres deveriam se ocupar somente com as prendas domésticas, preparando-se para o casamento, e, portanto, não necessitavam conhecer as Letras e, muito menos, o ofício poético.

No fragmento, há um acontecimento discursivo que busca romper com a ideologia da moral familiar, a qual é representada, no poema, por meio de linguagem metafórica: “Ajuntei todas as pedras / que vieram sobre mim”. Entretanto, o acontecimento discursivo revela uma ruptura, uma subversão do sujeito, ao enunciar que: “Levantei uma escada muito alta / e no alto subi. / Teci um tapete floreado / e no sonho me perdi”. Com esse enunciado, podemos observar que a metáfora (escada muito alta) marca uma tomada de posição do sujeito discursivo, o qual transgride a moral familiar socialmente instituída e se insurge como sujeito de seu próprio desejo.

Pelos enunciados acima, podemos perceber que o sujeito discursivo, ao enunciar seus dizeres, se move em diferentes formações ideológicas, se desloca por diferentes formações discursivas. O sujeito discursivo, no início do fragmento, demonstra uma experiência de incômodo diante de uma formação discursiva vinculada a um comportamento histórico de aceitação, de resignação em relação à realidade; isso fica claro com o seguinte enunciado: “Ajuntei todas as pedras / que vieram sobre mim”. Esse dito evidencia que o sujeito mantém uma relação de inconformismo com os fatos que lhes são oferecidos pela realidade. Porém, pela força polifônica dos enunciados, o sujeito discursivo deixa entrever uma outra formação discursiva, vinculada a uma posição de resistência, ao enunciar: “Levantei uma escada muito alta / e no alto subi. / Teci um tapete floreado / e no sonho me perdi”, pois, o sentido se desloca para fazer significar outro acontecimento: o sujeito discursivo não se deixa conformar com os fatos e, à revelia deles, realiza seu desejo, ao concretizar a escrita poética. As diferentes formações discursivas, presentificadas nos

discursos, tornam explícitos os embates ideológicos que determinam as relações de poder nas práticas enunciativas.

O sujeito discursivo manifesta, por meio da metáfora do “tapete floreado”, sua tomada de posição: mesmo contra a opinião corrente de que à mulher não cabe o papel de literata, há a realização do desejo do sujeito, o qual é representado pelo “sonho” que, metaforicamente, simboliza novas possibilidades de “ser”, um novo ser (forma-sujeito) que se singulariza num processo subjetivo incessante. Ao identificar-se a uma formação discursiva que produz e assegura o discurso sobre o fazer poético, o sujeito rompe com a formação discursiva dominante na sociedade patriarcal e revela sua posição de resistência, sua posição contraditória que instaura polêmicas e deslocamentos. O discurso sobre o fazer poético é, portanto, um discurso que caminha na via da singularidade, pois, rompe com o modelo de feminilidade que deveria ter servido de referência à existência feminina para obter a singularização do sujeito.

Fragmento 2

Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
Dos meus versos (CORALINA, 2001b, p. 11).

A singularização do sujeito fica evidente no fragmento acima, pois, é a voz do próprio sujeito discursivo que descreve o acontecimento de sua própria criação literária, revelando como se deu o fazer poético, a constituição de sua poesia. Desse modo, o sujeito discursivo desvela seu modo de ser, ao mesmo tempo em que se torna único, singular em seu espaço, ao tecer seus versos. Pelas relações de poder, pelo embate ideológico, pelo conflito entre os discursos – o discurso da moral familiar e o discurso artístico-poético – o sujeito expressa sua singularidade, construída, pacientemente, pela militância poética, pelo fazer poético – representado na linguagem metafórica:

“Entre pedras / cresceu a minha poesia. / Entre pedras que me esmagavam / levantei a pedra rude / dos meus versos”.

No excerto “Minha vida... / Quebrando pedras / e plantando flores”, a posição enunciativa do sujeito materializa sua inscrição no discurso artístico-poético, denotando seu modo de resistir, pois, a escritura representa uma transgressão aos valores morais impostos à condição feminina, por resquícios de modelo dominante na família patriarcal. O sujeito experimenta o conflito, construído historicamente, e mostra como a sua subjetividade vai agenciar as forças ideológicas instituídas socialmente: o sujeito rompe com um discurso conservador para se singularizar, preservando sua identidade como forma de fazê-lo prosperar.

Podemos perceber que duas diferentes formações discursivas compõem o dizer do sujeito enquanto efeito de unidade. Pela enunciação, por um lado, há um dizer fazendo referência ao discurso da moral familiar prescrita para as mulheres e com o qual o sujeito polemiza; por outro lado, há um dizer que faz referência ao discurso da escritura poética. No embate entre esses dizeres, o sujeito tem a possibilidade de resistir, de romper com o discurso conservador e colocar-se numa forma-sujeito singular, ou seja, o sujeito se inscreve na formação discursiva poética (artístico-cultural, de resistência).

A produção de sentidos, recorrente da enunciação, só é possível porque há diferentes posições que podem ser ocupadas por diferentes sujeitos discursivos, por meio do assujeitamento ideológico desses sujeitos a diferentes formações discursivas. Os sentidos produzidos são efeitos das condições de produção dos discursos, das condições sócio-históricas, das condições político-ideológicas, bem como, da memória discursiva presente nos espaços sociais.

Fragmento 3

Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,
Não escrevo jamais de forma
consciente e raciocinada, e sim
impelida por um impulso incontrolável.
Sendo assim, tenho a
Consciência de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas, o meio,
o tempo, as criaturas e fatores
outros, contramarcaram a minha vida.

[...]

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.
Sempre houve na família, senão uma
hostilidade, pelo menos uma reserva determinada
a essa minha tendência inata.

Talvez, por tudo isso e muito mais,
sinta dentro de mim, no fundo dos meus
reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.

Sobrevivi, me recompondo aos

Bocados, à dura compreensão dos

Rígidos preconceitos do passado (Cora Coralina, quem é você?
CORALINA, 2001b, p. 83-84).

“Sendo eu mais doméstica do / que intelectual” – nessa passagem, chamamos a atenção para o embate de vozes que está presente no dizer do sujeito, o que lhe confere explicitamente uma característica heterogênea. A dispersão do sujeito se dá, neste caso, entre dois polos, isto é, entre duas posições contraditórias, se levarmos em conta que o sujeito se encontra imerso numa conjuntura sociocultural, determinada histórica e ideologicamente. O sujeito se inscreve numa posição discursiva que representa a ideologia da moral familiar destinada às mulheres (mais doméstica – menos intelectual), mas, se inscreve, também, numa outra posição discursiva que representa a ideologia da prática literária (menos doméstica – mais intelectual). Com isso, o sujeito se constitui, no conflito de vozes, de modo heterogêneo, clivado, dividido no fio de seu próprio discurso.

Na sequência seguinte – “Não escrevo jamais de forma / consciente e raciocinada, e sim / impelida por um impulso incontrolável” o sujeito deixa entrever o não-controle de seu dizer e, assim, parece justificar que o desejo da escrita (impelida por um impulso incontrolável) dissimula, justamente, a existência de um trabalho consciente e arrazoado sobre sua própria produção literária. Isso acentua, ainda mais, a característica dispersa, descentrada e fragmentada do sujeito discursivo.

Entretanto, mesmo se deslocando por duas posições ideológicas conflitantes, o sujeito parece se identificar com a inscrição

discursiva da prática literária, assujeitando-se ao desejo e assumindo sua condição literária: “Sendo assim, tenho a / consciência de ser autêntica”. E, a despeito de condições adversas, reitera: “Nasci para escrever, mas, o meio, / o tempo, as criaturas e fatores / outros, contramarcaram minha vida”, revelando o alcance da sua resistência às circunstâncias históricas, sociais e culturais.

“Nunca recebi estímulos familiares para ser literata. / Sempre houve na família, senão uma / hostilidade, pelo menos uma reserva determinada / a essa minha tendência inata”, nessa passagem, a postura conservadora da família produz, no sujeito, uma incerteza com relação à sua condição de sujeito da escrita: “Talvez, por tudo isso e muito mais, sinta dentro de mim, no fundo dos meus / reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo”. O sujeito vivencia uma crise, uma angústia, mas, resiste e sobrevive a elas, numa atitude de contestação aos preconceitos sociais: “Sobrevivi, me recompondo aos / bocados, à dura compreensão dos / rígidos preconceitos do passado”.

Nos versos que compõem o fragmento acima, a enunciação nos leva à presença de um sujeito que se configura como efeito de unidade, uma representação de um “eu” que se constrói, no imaginário, como um ser autônomo, “como um interior diante da exterioridade do mundo” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29). Entretanto, trata-se de uma evidência aparente ou um efeito de unidade, pois, o sujeito está envolvido por uma memória discursiva que estabelece as condições de produção dos discursos, por meio de relações histórico-ideológicas e, assim, o sujeito se constitui por meio das heterogeneidades enunciativas, sendo sua unidade apenas um efeito, uma aparência. Portanto, o sujeito é dividido, possui um descentramento real, mas tudo isso é mascarado pela imagem unificada do eu.

Fragmento 4

[...]

Apenas a autenticidade da minha
Poesia arrancada aos pedaços
do fundo da minha sensibilidade,
e este anseio:
procuro superar todos os dias.
Minha própria personalidade
renovada,

despedaçando dentro de mim
tudo que é velho e morto.

Luta, a palavra vibrante
que levanta os fracos
e determina os fortes (Cora Coralina, quem é você? CORALINA,
2001b, p. 84-85).

Segundo Authier-Revuz (1990, p. 33), “para o sujeito dividido, o papel indispensável do Eu, é aquele duma instância que, no imaginário, se ocupa de reconstruir a imagem de um sujeito autônomo, anulando, no desconhecimento, o descentramento real”.

O sujeito discursivo, ao enunciar: “Apenas a autenticidade da minha / poesia arrancada aos pedaços / do fundo da minha sensibilidade, / e este anseio: / procuro superar todos os dias”, “se crê fonte deste seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27) e se supõe “um ‘eu forte’, autônomo” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28), dono do seu dizer. A heterogeneidade – própria ao discurso, às palavras do sujeito – revela a presença do outro, colocando em risco a identidade do “um”. No vínculo entre o discurso e as práticas do sujeito, é possível apreender esse sujeito descentrado, que se dispersa, que aparece na fala heterogênea, mas que, num movimento de retorno, marca sua identificação e emerge nas posições enunciativas em seu próprio discurso. A identificação do sujeito com as subjetividades produzidas nas instâncias discursivas cria uma representação imaginária desse sujeito enquanto uma singularidade. É “no imaginário do sujeito dividido que se reconstrói a imagem do sujeito autônomo” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28), a construção de um “eu” que é imaginário, pois, “o sujeito, na ilusão, se crê fonte de seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

O sujeito discursivo instaura, então, sua construção identitária, seu “eu” imaginário, ao enunciar: “Minha própria personalidade / renovada”, e, além disso, se crê com o poder de controlar sua constituição identitária: “despedaçando dentro de mim / tudo que é velho e morto”. O sujeito enuncia seu desejo, seu objetivo, identificando-se com uma posição e, nela, se reconhece como possuidor de uma identidade controlável e, conseqüentemente, dono do seu discurso: “Luta, a palavra vibrante / que levanta os fracos / e

determina os fortes”. O sujeito elabora seu discurso e se faz forte a partir dele. Mas, ressaltamos que essa construção identitária do sujeito, seu “eu” imaginário é produzida no exterior, pois, é no exterior que somos ideologicamente constituídos, conforme assevera Bakhtin (2004, p. 117):

O pensamento não existe [...] fora da orientação social [...]. Assim, a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em consequência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social.

Portanto, esse “eu” é uma forma ideológica particular do pensamento do sujeito e, esse pensamento se objetiva a partir de sua inscrição social em determinado lugar. No fragmento em estudo, a voz da resistência (pensamento objetivado) se faz presente quando o sujeito enuncia seu dizer opondo-se às condições sócio-históricas determinadas pela ideologia da sociedade patriarcal – construída sob o crivo de ideias moralistas – principalmente no que se refere à formação da mulher.

Em continuidade, vamos apresentar outras construções identitárias que se configuram como forma de resistência à dominação masculina ou como forma de combate à exclusão social.

Fragmento 5

Tantas conheci, todas tão pobres!
No passado levavam a trouxa de roupa na gamela,
a gamela na cabeça, assentada na rodilha.
Madrugada ainda recolhida na casa de Deus Nossinhora
e a lavadeira desperta, alerta, trabalhadeira.
Sempre a lavar, a trabalhar, a passar, a engomar,
ora no rio, ora no poço.

[...]
As lavadeiras nunca se cansam.
Lavam de dia, passam de noite.

Sua tina d'água, seu ferro de brasa,
seus prendedores, seus anseios, necessidade.
Mantendo, equilibrando a pobreza, até o final.
E uma me exemplou em preceito de fé.
“Graças a Deus que Deus ajuda muito os pobres...”
Foi tão profundo o conceito que fiquei sem entender (Ofertas de
Aninha Às lavadeiras. CORALINA, 2001b, p. 153-154).

O sujeito discursivo se representa por uma voz de resistência, que denuncia a falta de reconhecimento das mulheres menos favorecidas, aqui, representadas pela figura das lavadeiras. Os enunciados produzidos pelo sujeito remontam à memória social e colocam em cena a figura das lavadeiras, reconstituindo o universo de suas práticas no espaço social.

O sujeito-enunciador, ao dar voz a essas mulheres marginalizadas, se inscreve numa formação ideológica de combate à exclusão social dos menos favorecidos e provoca deslocamentos capazes de promover mudanças e transformações no meio social.

No fragmento acima, o sujeito discursivo enuncia as circunstâncias adversas da vida das lavadeiras, submetidas a um trabalho árduo no dia-a-dia: “Madrugada ainda recolhida na casa de Deus Nossinho / e a lavadeira desperta, alerta, trabalhadeira. / Sempre a lavar, a trabalhar, a passar, a engomar, / ora no rio, ora no poço”, e denuncia as dificuldades e a pobreza em que vivem essas mulheres: “Tantas conheci, todas tão pobres! / No passado levavam a trouxa de roupa na gamela, / a gamela na cabeça, assentada na rodilha. / As lavadeiras nunca se cansam. / Lavam de dia, passam de noite.”

Percebemos, na enunciação do sujeito, um sentido que remete à valorização e reconhecimento das lavadeiras, pois, mesmo fadadas a uma condição de abandono e de desprezo, no espaço social, elas se constituem marcadas por uma identidade que revela persistência: “Mantendo, equilibrando a pobreza, até o final”. Essa atitude é capaz de levá-las ao equilíbrio, vencendo, dessa forma, a face obscura de suas vidas. Ao apresentar essa condição subjetiva das lavadeiras, o sujeito discursivo confere a elas uma posição de dignidade, que parece advir da própria relação com o trabalho, pois, pelo enunciado: “Sua tina d'água, seu ferro de brasa, / seus prendedores, seus anseios, necessidade”, podemos inferir que os instrumentos utilizados na lida cotidiana se misturam aos sentimentos do sujeito transformando-se em

aspectos constitutivos do seu ser. Desse modo, o sujeito discursivo passa a sacralizar o trabalho destacando, inclusive, que há uma íntima comunhão entre o trabalho realizado e os fatos que conduzem sua vida: “E uma me exemplou em preceito de fé. / “Graças a Deus que Deus ajuda muito os pobres...”. Nessa enunciação, o sujeito se mostra no lugar que ocupa e esse lugar de enunciação revela uma contradição constitutiva do sujeito, ou seja, ao ter a possibilidade de realizar o trabalho, afirma que há a ajuda de Deus e, assim, não se vê numa condição de miséria, ao contrário, se sente beneficiado, privilegiado pelas benesses de Deus. Mas, o trabalho que realiza arduamente mostra o sujeito menos favorecido socioeconomicamente e, portanto, sem nenhum privilégio ou regalia. Essa contradição reafirma a condição de dignidade do sujeito discursivo, o que podemos perceber com o dizer do sujeito-enunciador: “Foi tão profundo o conceito que fiquei sem entender”. Ou seja, o sujeito discursivo, aceitando a ideologia religiosa, afirma sua posição privilegiada, embora sua condição social e econômica contradiga sua afirmação e, justamente, essa contradição provoca o não-entendimento do sujeito-enunciador, o qual, mesmo sem entender, reconhece e valoriza a superioridade do sujeito discursivo.

Na análise desse fragmento, percebemos que o sujeito se constitui a partir das relações que mantém com o trabalho realizado. Sua identificação se dá quando se relaciona com o trabalho de forma a “apagar”-lhe a natureza árdua, concebendo-o como privilégio, além de ser, também, um meio de sobrevivência. Esse posicionamento desvela a natureza contraditória de sua identidade, ao mesmo tempo em que lhe confere um sentimento de dignidade ante a essa contradição subjetiva.

Considerações finais

No decorrer dos enunciados, analisando os processos de subjetivação do sujeito discursivo é possível perceber que sua constituição se dá por meio das relações com o outro, no campo das heterogeneidades enunciativas. Ou seja, o sujeito se constitui pela manifestação de seu desejo por meio da linguagem. O sujeito enuncia a partir de uma posição ocupada por ele e, desse lugar, se vê como autor e “dono” de toda enunciação. Contudo, seu dizer é perpassado por heterogeneidades enunciativas e estas nem sempre se estabelecem por relações de aliança, pois, muitas vezes, essas relações se configuram

por meio de contradições, de instabilidades. Com isso, os sujeitos se esquecem de que são constituídos por diferentes e, às vezes, divergentes formações ideológicas. Pêcheux (1997b) postula os esquecimentos 1 e 2 e afirma que esses esquecimentos são constitutivos do sujeito e, assim, o sujeito tem a ilusão de completude, tem a ilusão de ser dono e origem do discurso que enuncia. Entretanto, pela linguagem, pelos discursos que enuncia o que percebemos é uma constituição contraditória do sujeito.

Concordamos com Fernandes (2003, p. 41), quando afirma:

Acerca da contradição como categoria nos discursos, reitera-se: o sujeito não é homogêneo e tem sua identidade em constante processo de produção e transformação, marcada por intensa heterogeneidade e conflitos sociais, espaços em que o desejo, por meio do inconsciente, tem vazão. A identidade constitui-se pela inscrição ideológica dos sujeitos, na exterioridade social constituída pela relação do um com o outro.

Desse modo, tanto os sujeitos quanto os sentidos são atravessados pela heterogeneidade do discurso, o qual, por ser histórico, se configura por um conjunto de diferentes e divergentes vozes sociais.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades enunciativas. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli; GERALDI, João Wanderley (Org.). *Cadernos de estudos lingüísticos*. Nº 19, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 25-42.

_____. *Palavras incertas – as não-coincidências do dizer*. Tradução de Claudia Regina Castellanos Pfeiffer *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Alda Scher e Elsa Maria Nitsche Ortiz. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BRAIT, Beth. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil – Histórias e Perspectivas*. Campinas: Pontes Editores, 2001.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 9. ed. São Paulo: Global, 2001b.

DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. (Org.). *Cora Coralina – celebração da volta*. Goiânia: Câne Editorial, 2006.

FERNANDES, Cleudemar Alves. A constituição da Análise do Discurso na Lingüística. In: FIGUEIREDO, Céla Assunção [et al]. *Lingua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 33-46.

_____. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 229-249.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes Editores: Editora da UNICAMP, 1997.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Análise de Discurso – princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.

PECHÊUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de Discurso e Psicanálise*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

Recebido em 25/08/2013

Aceito em 20/10/2013